

02

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Da leitura para a escrita

— Ilane Ferreira Cavalcante



Governo Federal
Ministério da Educação

Projeto Gráfico

Secretaria de Educação a Distância – SEDIS

EQUIPE SEDIS | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

Coordenadora da Produção dos Materiais

Vera Lucia do Amaral

Coordenador de Edição

Ary Sergio Braga Olinisky

Coordenadora de Revisão

Giovana Paiva de Oliveira

Design Gráfico

Ivana Lima

Diagramação

Elizabeth da Silva Ferreira

Ivana Lima

José Antonio Bezerra Junior

Mariana Araújo de Brito

Arte e ilustração

Adauto Harley

Carolina Costa

Heinkel Huguenin

Leonardo dos Santos Feitoza

Revisão Tipográfica

Adriana Rodrigues Gomes

Margareth Pereira Dias

Nouraide Queiroz

Design Instrucional

Janio Gustavo Barbosa

Jeremias Alves de Araújo Silva

José Correia Torres Neto

Luciane Almeida Mascarenhas de Andrade

Revisão de Linguagem

Maria Aparecida da S. Fernandes Trindade

Revisão das Normas da ABNT

Verônica Pinheiro da Silva

Adaptação para o Módulo Matemático

Joacy Guilherme de Almeida Ferreira Filho



Você verá
por aqui...

Considerações acerca das diferentes formas que utilizamos para nos expressar através da escrita. Para isso, refletimos sobre alguns “mitos” que costumam ser divulgados sobre o ato de escrever e sua relação com a leitura. Além disso, complementamos o que estudamos na aula anterior sobre leitura. Você viu que existem diferentes formas de ler um texto que partem dos diferentes objetivos que temos. Nesta aula, você irá perceber que traçar objetivos também é muito importante ao escrevermos.

- Compreender os aspectos que diferenciam as produções orais e escritas.
- Conhecer diferentes formas de organização das ideias na produção escrita.
- Elaborar objetivos e esquemas que facilitem o processo de produção escrita.

Objetivos

Para começo de conversa...

1.

Catar feijão se limita com escrever:
jogam-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na da folha de papel;
e depois joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão, entra um risco:
o de entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quanto ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a com o risco.

(*Catar Feijão* – João Cabral de Melo Neto)

João Cabral de Melo Neto

➤ João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999) foi um poeta e diplomata brasileiro. Sua obra poética, caracterizada pelo rigor estético, com poemas avessos a confessionalismos e marcados pelo uso de rimas toantes, inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil.

O poema de João Cabral de Melo Neto associa o ato de escrever ao ato cotidiano de catar feijões. Isso pode nos parecer, à primeira vista, um tanto inusitado, porém, se lermos com cuidado o poema, vamos perceber o quanto o poeta pernambucano tem razão. Ao catar feijão, escolhemos cuidadosamente os melhores grãos, jogando fora grãos ocos e fragmentos de palha. Tradicionalmente, ao catar os grãos, jogamo-los na água e retiramos aqueles que boiarem, são os grãos ocos, desnecessários. Da mesma forma, ao escrever, devemos retirar do texto tudo o que sobrar, deixando-o preciso e objetivo.

O poeta aponta uma dessemelhança, entretanto, entre o escrever e o catar: no catar, jogamos fora as pedras, que podem quebrar um dente se forem cozidas junto aos grãos. No papel, a pedra é a ideia mais dura, aquela que chama a atenção do leitor, evitando que ele mergulhe numa leitura automática, que não instigue o raciocínio. Vamos discutir, ao longo de nossa aula, sobre a necessidade de pesarmos nossas palavras e pensarmos o nosso discurso?

Escrever para quê?

Parafraseando Faraco e Tezza (2003, p. 9), não é fácil enumerar todos os motivos que nos levam a escrever. Escrevemos para dar ordens (É PROIBIDO FUMAR); para avisar de alguma coisa, para reclamar, para receitar, para advertir, para pedir, para tirar uma boa nota, para informar, para lembrar, para expressar o que sentimos, para contar uma história, enfim... para um sem-número de coisas. Mas todos esses motivos podem chegar a um denominador comum: escrevemos para suprir uma deficiência de nossa linguagem oral, ou seja, para alcançar algo ou alguém que nossa fala não consegue.

Na linguagem oral contamos com uma série de recursos que nos permitem agregar informação às palavras que desfiamos em discurso. Recursos tais como expressões faciais, gestos, entonação, comunicam por si mesmas e compõem junto aos enunciados os sentidos que pretendemos alcançar. Além disso, na linguagem oral o interlocutor tem sempre a possibilidade de interromper a fala do enunciador e pedir para explicar novamente algo que não ficou claro.

Na linguagem escrita essa possibilidade é rara, a não ser, evidentemente, através de bate-papos eletrônicos, em que os interlocutores estão conversando ao mesmo tempo, a maioria dos textos escritos a distância, no espaço e no tempo, separam os interlocutores.

Assim, a linguagem escrita precisa contar com recursos próprios, que permitam superar as dificuldades da distância. Por isso, é fundamental conseguir ordenar bem as ideias para poder expressar o pensamento da melhor forma possível e alcançar a comunicação.

Em geral, temos dificuldade em escrever, até porque essa não é mesmo uma atividade fácil como é a de falar, para nós, seres humanos. Alguns preceitos arraigados em nossa formação básica, ou em nossa cultura, também acabam por dificultar esse processo. Lucília Gacez (2004), em seu livro *Técnica de Redação*, comenta alguns **mitos** que cercam o ato de escrever. Vamos retomar alguns desses mitos apontados pela autora e ver se você já ouviu ou acredita em alguns deles?

Mitos

➔ Vale salientar que a palavra mito, aqui, está sendo usada com o sentido de falsa crença, ou seja, preceito arraigado e, em geral, equivocado, que é reproduzido socialmente e considerado como verdadeiro pela maioria das pessoas.

Mito 1: Escrever é um dom

Muitas pessoas afirmam que só consegue escrever bem quem tem uma habilidade inata, um dom para isso. Em geral, as pessoas sentem-se amedrontadas diante da página em branco e não conseguem superá-la e acabam por acreditar que o que as impede é essa falta de um “dom” específico.

Bem, lembre-se que não estamos discutindo aqui, a escrita literária. Mas a escrita técnica, acadêmica e científica, que tem características próprias e divergentes da escrita

mais criativa. É óbvio que algumas pessoas têm o dom da escrita, assim como outras têm o dom da música e outras o dom da pintura, etc. Mas, mesmo essas pessoas que têm o dom, o que haveria com elas se nunca aprendessem a escrever? Provavelmente, o seu dom não iria se desenvolver tanto, não é mesmo?

O fato é que a escrita é uma construção social e, portanto, coletiva, que se desenvolveu ao longo da história da humanidade e se transformou consideravelmente ao longo do tempo. Se é coletiva e evoluiu, é claramente acessível a todos os seres humanos a partir do domínio de sua técnica.

A criança não nasce sabendo falar ou escrever. Ela aprende a falar primeiro, mas ao longo de seu crescimento também aprende a escrever. Como? Dominando a técnica de segurar o lápis, de digitar no computador, de compreender as letras e as palavras e de seu uso nos enunciados. Assim, podemos afirmar, com tranquilidade, que escrever é dominar tecnicamente a língua.

Carlos Drummond de Andrade

➔ (1902 -1987) foi um poeta, contista e cronista brasileiro. Se dividirmos o Modernismo numa corrente mais lírica e subjetiva e outra mais objetiva e concreta, Drummond faria parte da segunda, ao lado do próprio Mário de Andrade.

Assim, em grande medida, o que determina a nossa maior ou menor familiaridade com a escrita, é o modo como aprendemos e desenvolvemos nossa linguagem, a importância que o texto escrito tem para nós e para a nossa sociedade e cultura e a frequência com que colocamos em prática a própria escrita.

Acerca do ato de escrever, vejamos o que diz **Carlos Drummond de Andrade**, um dos poetas mais reconhecidos da literatura brasileira:

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto, lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento

num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem, sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.
[...]
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto.

(O lutador – Carlos Drummond de Andrade).

O poema “O lutador” é longo, aqui estão apenas alguns fragmentos, mas também é longa a luta do **eu lírico** apresentada no texto, não é mesmo? Carlos Drummond de Andrade, o autor, é o que podemos considerar uma pessoa que tinha o dom para escrever, no entanto, a escrita também não era um processo fácil e simples para ele, ele também tinha que se debater com as palavras. Podemos apreender desse poema, portanto, que mesmo as pessoas que têm o dom da escrita precisam colocar em prática esse dom e desenvolver a técnica.

A técnica, em si, portanto, é acessível a todos. Ela só exige a prática. Quanto mais escrevemos, mais familiaridade temos com o processo.

Eu lírico

➤ Eu lírico é o sujeito que, em um poema, expressa os seus sentimentos ou a sua visão de mundo.



1. Qual seria a diferença entre escrita literária e escrita técnica?
2. Leia os textos 1 e 2, a seguir e comente o que eles expressam sobre o processo de escrita.

Texto 1

A noite inteira o poeta
em sua mesa, tentando
salvar da morte os monstros
germinados em seu tinteiro.

Monstros, bichos, fantasmas
de palavras, circulando
urinando sobre o papel
sujando-o com seu carvão.

Carvão de lápis, carvão
da ideia fixa, carvão
da emoção extinta, carvão
consumido nos sonhos.

(A lição de poesia – João Cabral de Melo Neto).

Texto 2

Clarice Lispector

➤ (1920 -1977) foi uma escritora naturalizada brasileira, nascida na Ucrânia. De família judaica, recebeu o nome de Haia Lispector, terceira filha de Pinkouss e de Mania Lispector. Clarice Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, seja pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, seja pelo estilo solto elíptico, e fragmentário, que críticos reputaram reminescente de James Joyce e Virginia Woolf, se bem que ainda mais revolucionário.

Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e de alerteza. E de amor. A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la – como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes a galope

(A descoberta do Mundo – Clarice Lispector)

Mito 2: Algumas “dicas” resolvem o problema de quem não consegue escrever

Dicas podem ser muito úteis na hora de fazer uma prova de concurso ou um exame de seleção. Mas será que elas, de fato, resolvem as dificuldades de escrita? Muitos cursinhos oferecem receitas prontas com fórmulas preparadas para iniciar, desenvolver e concluir uma redação, mas esquecem que, para rechear essas fórmulas é necessário conhecimento do tema a ser desenvolvido, conhecimento de mundo, conhecimento da língua (lembra das competências para a leitura e produção de textos que você estudou na disciplina Língua Portuguesa?).

Não acredite em fórmulas prontas. Sua redação só vai ser realmente boa se você conhecer aquilo sobre o que você fala. Escrever bem é resultado de um processo que envolve leitura, reflexão e ação. Só assim você se envolverá realmente com o seu texto e o produzirá com a coesão e a coerência necessárias. As “dicas” serão úteis se associadas à prática da escrita e da leitura. Isoladas, elas poderão até confundir você. No entanto, se você lê e escreve frequentemente, mesmo que só para exercitar-se, você poderá, inclusive, prescindir das dicas.

Se você é um bom leitor deve pensar que isso também resolve seu problema com a escrita. Não é bem assim. Ler é, com certeza, um grande auxílio no processo de escrita, pois facilita nosso acesso às informações, desenvolve nossa capacidade de análise e nossa reflexão crítica, mas não é certo que quem lê muito escreverá bem. Pois se a pessoa só lê e não escreve, terá também dificuldades em escrever.

Assim, ler e escrever são atividades distintas, embora interligadas. Quanto mais lemos, mais convivência temos com textos de naturezas diversificadas, o que nos auxiliará,

evidentemente no processo de escrita, pois compreenderemos melhor como adaptar nosso discurso para cada situação específica de comunicação. Mas além de ler, precisamos escrever.

Mito 3: Escrever não é tão necessário no mundo moderno

A sociedade moderna está muito automatizada. Já não escrevemos mais cartas como antes, já não necessitamos de formulários de papel como antes. Esse fato pode nos levar a pensar, e muitas pessoas de fato pensam, que podemos prescindir da escrita. No entanto, paradoxalmente, quanto mais automatizado o mundo, quanto mais virtual, mais exigente em relação à leitura e à escrita.

Já não podemos mais contar apenas com uma caneta e um papel, precisamos conhecer os **softwares** de editoração de texto, já não lidamos apenas com uma atendente de correio para enviar nossa correspondência, precisamos criar endereços virtuais, dominar uma linguagem específica, com arrobas e abreviações (.com.br) e palavras criadas para agilizar a conversa informal (*blz, naum, aeow*).

Os velhos formulários de papel hoje estão *on line* e precisamos conhecer e fazer o **download** dos programas que nos permite abri-los e preenchê-los para, posteriormente fazermos um **upload** e enviá-los às instituições de origem.

Percebeu como o processo hoje, ao invés de mais simples está mais complexo? O mundo contemporâneo exige que dominemos mais linguagens e novos processos de escrita. Pois, na informática tudo é dominado pela escrita. Tudo o que somos, o que temos, o que realizamos, depende desses novos instrumentos. Ainda impera, em face da mutabilidade do tempo, a permanência da escrita.

Tudo o que escrevemos, no entanto, está inserido em uma situação social. Cada texto é regido por diversos fatores que se apresentam em cada situação específica. Assim, escrevemos, como falamos, adaptando nossa linguagem aos diferentes momentos que vamos vivendo. Uma carta familiar exige um nível menos formal da linguagem. Uma receita médica e um relatório exigem conhecimento técnico. Um artigo científico, além do conhecimento técnico, exige o jargão acadêmico.

A escrita é uma forma de organização do pensamento. É uma oportunidade para que o indivíduo demonstre o que sente, conheceu, descobriu, investigou e sabe sobre determinado assunto. Saber escrever é compartilhar práticas sociais de diversas naturezas. Para cada situação, objetivo, desejo, necessidade, há uma imensa variedade de textos de que dispomos e que precisamos nos adaptar.

Software

➤ Software, tecnicamente, é o nome dado ao conjunto de produtos desenvolvidos durante o processo de software, o que inclui não só o programa de computador propriamente dito, mas também manuais, especificações, planos de teste, etc.

Download

➤ Download significa descarregar, em português; é a transferência de dados de um computador remoto para um computador local, o inverso de upload (“carregar” em Portugal). Por vezes, é também chamado de puxar (ex: puxar o arquivo) ou baixar (e.g.: baixar o arquivo), e em Portugal de descarregar.

Upload

➤ Upload é a transferência de dados de um computador local para um servidor.



Praticando...

2

1. Reflita sobre suas crenças pessoais acerca do processo de escrita. Elabore um texto, em primeira pessoa, em tom de depoimento, relatando quando e como aprendeu a ler e escrever. Reveja todo o seu percurso. Comente suas principais dificuldades para ler e escrever.
2. Releia, pondo-se no lugar de um leitor, o texto que você produziu, ou então, peça a algum de seus colegas de disciplina que o leia. Questione-se ou peça ao colega que questione você: o texto está claro? Há alguma passagem difícil de compreender?

Memória e pensamento

Ao escrever lidamos com a nossa memória, ou seja, colocamos no papel, de forma lógica e ordenada, aquilo que lembramos sobre um determinado tema. Essa memória é construída a partir do que lemos, vivenciamos, conhecemos acerca daquele determinado tema que vamos desenvolver. Fazem parte da memória, por exemplo, os conhecimentos sobre a língua, os conhecimentos sobre os diversos gêneros textuais, os conhecimentos gerais e específicos sobre o tema a ser tratado. Assim, memória vazia, produz texto fraco, sem substância. Utilizamos a memória durante todo o processo de elaboração do texto e, quando ela não tem estoque suficiente para o assunto que vamos desenvolver, buscamos ajuda. Como se dá essa busca? Buscamos mais informações através de amigos, de livros, de sítios na internet, etc.

A escrita é, portanto, um processo que não se inicia ao começarmos o texto, mas muito antes. Cada texto está inserido dentro de uma prática social e nela adquire sentido. Ou seja, o que mobiliza um indivíduo a escrever um texto é uma necessidade, uma motivação que nasce de uma situação social específica. Essa situação vai exigir do indivíduo que ele dê sua opinião, expresse uma emoção, relate uma experiência, apresente uma proposta de trabalho, regule normas, comunique algo, enfim, as necessidades motivadoras são as mais diversas, assim como o são, também, os objetivos a alcançar.

Partindo dessa necessidade, o produtor já tem algumas informações sobre o texto, suficientes para poder elaborar um primeiro plano de trabalho:

- quais os objetivos a que o texto se propõe;
- qual o assunto/tema a ser abordado;
- qual o gênero mais adequado aos objetivos;
- quem vai ler;
- que nível de linguagem deve ser utilizado;
- quanto de subjetividade pode ser inserida no texto;
- quais as condições práticas para a produção do texto: tempo, apresentação e formato, por exemplo.

Partindo dessa base inicial, o produtor do texto vai organizar as próprias ideias e monitorar-se para não fugir da rota. Esse planejamento inicial é muito importante e ajuda o produtor a dispor suas ideias de forma eficaz. Ou, como afirma Boaventura (2002, p. 8/9)

Sem estabelecer um plano sobre o que se vai escrever, as dificuldades depressa começam a surgir. Sem plano, há o risco de se perder sem se aprofundar em nenhum aspecto e pode-se acabar por fazer um trabalho superficial.

Para estabelecer o plano, precisamos pensar as partes que o texto deve conter. Claro que, dependendo do caráter do texto a ser desenvolvido e de seus objetivos as partes vão ser de natureza diferente, mas imprescindivelmente o texto conterà: introdução, desenvolvimento e conclusão.

O que contêm cada uma dessas partes, porém? Veja o esquema a seguir:

- Introdução: apresentação do tema de estudo.
- Desenvolvimento: as partes que apresentam os aspectos a serem tratados sobre o tema.
- Conclusão: a retomada de tudo que foi tratado de forma a fechar o assunto.

Cada pessoa, no entanto, tem a sua forma específica de escrever, precisa desenvolver a sua técnica. Mas, para que alcance sucesso com o seu texto é preciso dedicar-se a ele. É preciso, por exemplo, ler e reler o texto após a sua produção. Essas etapas ainda fazem parte do processo de escrita. Nesse momento final é importante perceber o texto observando se precisam ser:

- enfatizadas as ideias principais;
- reordenadas as informações;
- substituídas as ideias inadequadas;
- eliminadas as ideias desnecessárias ou repetidas;
- acrescentados exemplos, ilustrações, citações, argumentos;
- criados vínculos entre as ideias;
- estabelecidas hierarquias entre as ideias.

Como fazer esses ajustes? Para isso, é preciso:

- acrescentar termos ou expressões;
- eliminar termos ou expressões repetidos, inadequados ou desnecessários;
- substituir termos ou expressões;
- transformar, modificar, reorganizar períodos;
- revisar linguisticamente, corrigindo problemas de ortografia, pontuação, concordância, entre outros.

Mesmo depois de sua leitura, você ainda pode recorrer a uma segunda leitura, feita por outra pessoa. O olhar do outro é muito importante. Pois, como estamos habituados ao nosso texto, muitas vezes lemos o que queremos ler e não o que está lá. Outra pessoa, com olhos livres, poderá perceber detalhes ou falhas que nós não percebemos. Escritores famosos, em geral, submetem seu trabalho à leitura prévia, antes da publicação.

Enfim, se pensarmos na escrita como um processo, podemos visualizá-la a partir do seguinte esquema:



Praticando...

3

➤ Que tal praticar um pouco a escrita? Pense em algum momento marcante de sua vida e procure relatá-lo. Para isso, trace um plano de trabalho: o que você vai relatar? Quando isso aconteceu? Por que esse momento é importante para você? Depois de escrever a primeira vez, leia em voz alta, procure perceber se o texto realmente diz aquilo que você queria dizer. Procure observar se há problemas linguísticos, corrija-os e só depois reescreva.

Leitura complementar

<<http://www.pucrs.br/manualred/prefacio.php>>.

Nesse site, você vai acessar o manual de redação da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul, com uma série de explicações sobre os aspectos gramaticais da produção de textos e ainda alguns links para textos interessantes sobre redação.



Resumo

Nesta aula, estudamos um pouco acerca do processo da escrita, desfazendo alguns mitos que cercam o ato de escrever, ressaltando as relações entre leitura e escrita e, também, reforçando a importância de uma organização prévia necessária ao processo de elaboração de textos.



Autoavaliação

- Identifique nos textos seguintes, o tema discutido, a intenção comunicativa e o tipo de situação de comunicação em que ele pode estar inserido.

Texto 1

A inflação calculada pelo Índice de Preços ao Consumidor – Semanal (IPC-S) recuou em seis das sete capitais pesquisadas pela Fundação Getulio Vargas (FGV) na passagem da terceira para a quarta semana de junho. O maior recuo foi verificado no Rio de Janeiro, onde o indicador passou de 0,88% para 0,65% – um recuo de 0,23 ponto percentual.

Fonte: <www.g1.globo.com>. Acesso em: 5 dez. 2009.

Texto 2

Casamento

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como “este foi difícil”

“prateou no ar dando rabanadas”
e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.

Adélia Prado

Texto 3

O **comércio** baseia-se na troca voluntária de produtos. As trocas podem ter lugar entre dois parceiros (comércio bilateral) ou entre mais do que dois parceiros (comércio multilateral). Na sua forma original, o comércio fazia-se por troca direta de produtos de valor reconhecido como diferente pelos dois parceiros, cada um valoriza mais o produto do outro. Os comerciantes modernos costumam negociar com o uso de um meio de troca indireta, o dinheiro. É raro fazer-se troca direta hoje em dia, principalmente nos países industrializados. Como consequência, hoje podemos separar a **compra** da **venda**. A invenção do dinheiro (e subsequentemente do crédito, papel-moeda e dinheiro não-físico) contribuiu grandemente para a simplificação e promoção do desenvolvimento do comércio.

Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Com%C3%A9rcio>>. Acesso em: 5 dez. 2009.

Adélia Prado

➤ (1935) é uma escritora brasileira. Seus textos retratam o cotidiano com perplexidade e encanto, norteados pela sua fé cristã e permeados pelo aspecto lúdico, uma das características de seu estilo.



Ministério
da Educação

